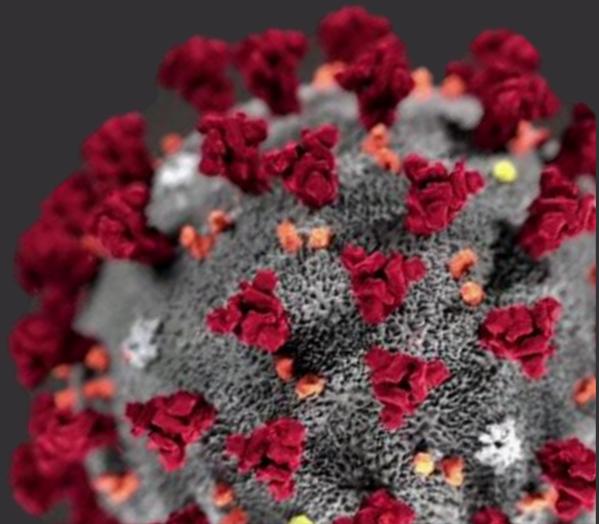


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – SUBTE, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

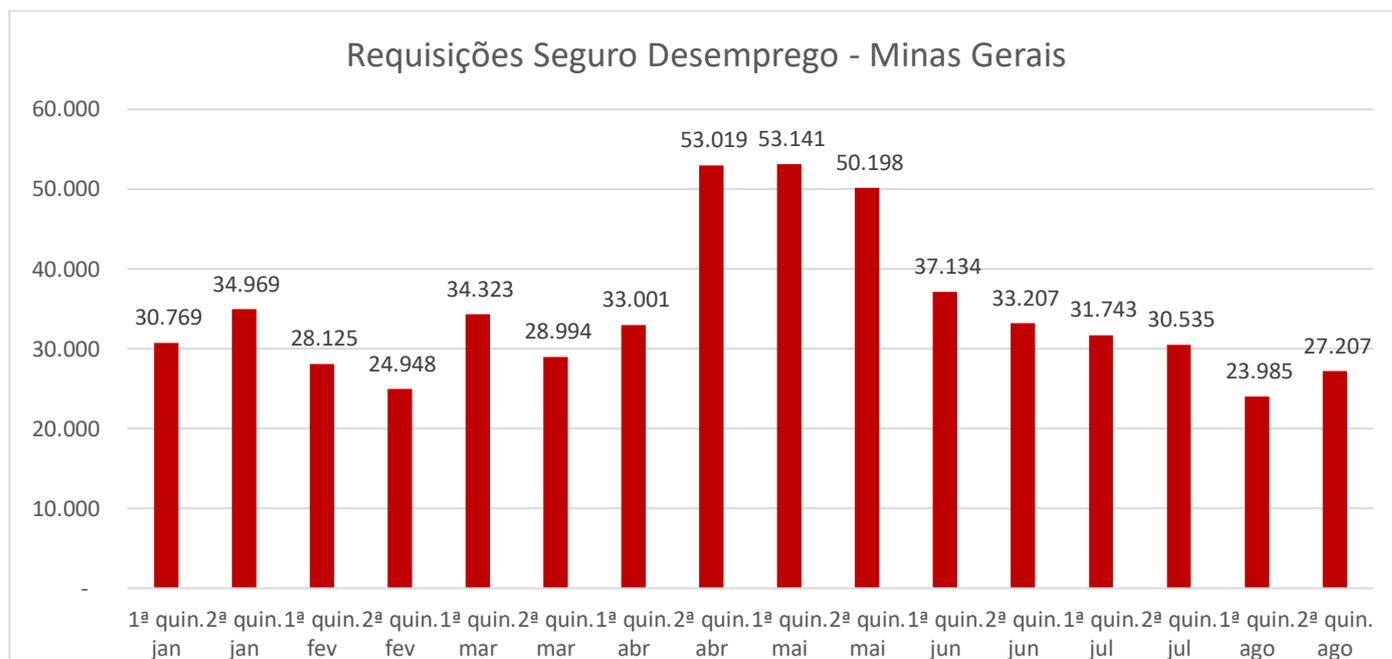
- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Resultados PNAD Contínua - 2º trimestre;
- PIB Trimestral de Minas Gerais;
- Situação dos pequenos negócios;
- Mercado de móveis;
- Perspectivas para a alimentação fora do lar;

SEGURO DESEMPREGO

Segunda quinzena de agosto registra 27.207 requisições do benefício, primeira alta desde os últimos três meses

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da Covid-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego, no Estado de Minas Gerais, na segunda quinzena de agosto, foi de 27.207 benefícios, um aumento de 13,3% em relação à quinzena anterior. Após atingir o ápice de 53.141 solicitações na primeira quinzena de maio, o parâmetro veio passando por sucessivos declínios, cenário que foi interrompido no mês de agosto, que, no total, registrou 51.200 vínculos de trabalho desfeitos em Minas Gerais. No entanto, se analisados em uma perspectiva comparada com o mesmo mês do ano anterior, os números de 2020 apresentam uma queda de 19,8%. Diante do significativo contingente de trabalhadores demitidos nos momentos iniciais da pandemia, essa queda pode representar um contexto no qual as empresas já têm trabalhado no limite mínimo do quadro de funcionários.

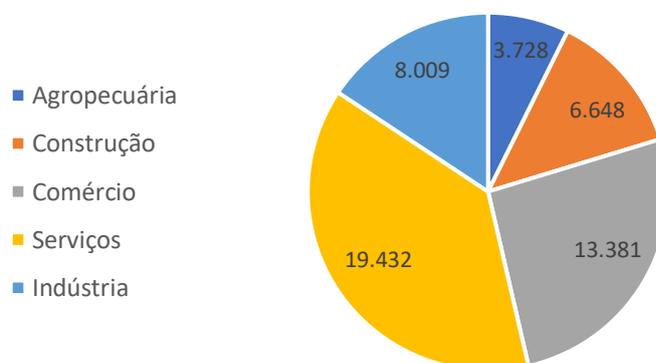
Se realizada uma análise com base em uma desagregação por setores econômicos, é possível identificar que o segmento de serviços (37,9%) e o comércio (26,1%) seguem liderando o ranking de maiores demandantes do Seguro Desemprego em Minas Gerias, conforme se observa no gráfico a seguir:



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Em relação aos aspectos sociais por trás das requisições do Seguro Desemprego, é válido evidenciar que o benefício tem sido mais demandado por homens (59,5%), o que pode estar relacionado ao fato de que as medidas de isolamento afetaram, majoritariamente, postos de trabalho ocupados pelo público masculino como, por exemplo, ocupações do segmento de serviços. Quanto à faixa etária, os demitidos são, preponderantemente, adultos com idade entre 30 a 49 anos, o que pode representar um problema de reinserção profissional, haja vista a resistência dos empregadores em admitir trabalhadores nessa faixa etária.

Distribuição Seguro Desemprego por Segmento Econômico - Minas Gerais (agosto)



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

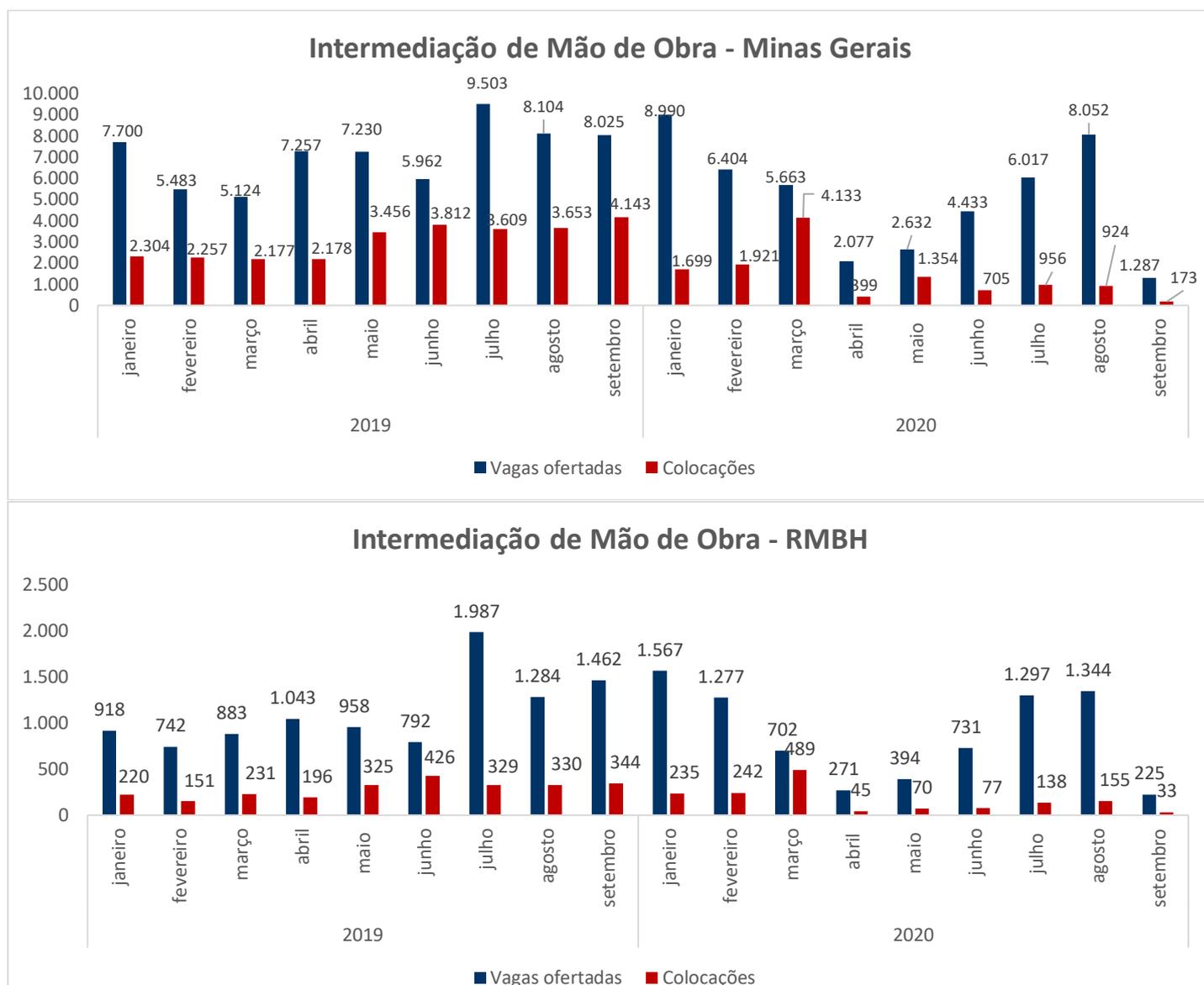
Se comparado com as demais unidades da federação, o Estado de Minas Gerais ocupa a segunda posição no ranking de maiores demandantes do Seguro Desemprego, ficando atrás apenas do Estado de São Paulo, que acumulou 138.397 requisições do benefício em todo o mês de agosto. Em todo o país, foram 463.835 auxílios assistenciais concedidos a trabalhadores formais demitidos de suas funções, uma queda de 18,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

ESTATÍSTICAS DO SINE

Postos de atendimento retomam serviços presenciais

As unidades do SINE em Minas Gerais registraram 658.658 atendimentos entre janeiro e setembro de 2020 (até o dia 07/09), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados e suscitou a demanda, por parte do trabalhador, para que os serviços fossem retomados. Por isso, diante das medidas de flexibilização do isolamento social que entraram em vigor a partir do mês de julho, algumas unidades retomaram o acolhimento presencial mediante agendamento prévio, o que justifica o aumento no número de vagas ofertadas e colocações. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de setembro computados até o dia 07/agosto

PNAD CONTÍNUA TRIMESTRAL

Taxa de desocupação em Minas Gerais chega a 12,9%

Foram divulgados recentemente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua relativos ao segundo trimestre deste ano. Os achados evidenciam os enormes impactos da crise provocada pelo novo coronavírus no mercado de trabalho de Minas Gerais e do Brasil. A taxa de desocupação no segundo trimestre deste ano, em Minas Gerais, chegou a 12,9%, após crescer 1,5 ponto percentual (p.p) em relação ao trimestre imediatamente anterior (9,6%). O número de desempregados no estado chegou a 1,3 milhões, mantendo-se estável na comparação com o primeiro trimestre deste ano. No país, a taxa de desocupação aumentou de 12,2% para 13,3% e a população desocupada apresentou estabilidade (12,8 milhões) na passagem do primeiro para o segundo trimestre do ano.

A população ocupada em Minas Gerais encolheu 8,7% e chegou a 9 milhões de trabalhadores. Foram 858 mil pessoas ocupadas a menos que no primeiro trimestre do ano. Porém, nem todos os setores de atividade do trabalho foram afetados igualmente. Dentre os agrupamentos de atividade considerados na pesquisa, Alojamento e Alimentação foi o que perdeu, proporcionalmente, mais postos de trabalho (-23,4%), seguido por Outros Serviços (-20,6%), Serviços Domésticos (-19,6%) e Construção (-14,1%). Em números absolutos, Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas lidera o ranking, com perda de 188 mil trabalhadores, seguido da Indústria Geral, com menos 175 mil trabalhadores e Serviços Domésticos, com menos 144 mil.

A massa de rendimentos também recuou ante a diminuição da população ocupada no estado. No segundo trimestre de 2020, a massa de rendimentos foi estimada em R\$ 18.398 bilhões, queda de -5,1% em relação ao trimestre imediatamente anterior e de -5,4% em relação a 2019.

Quadro Sintético (Resultados PNAD Contínua, Minas Gerais)

Indicador/Período	abr-mai-jun 2019	jan-fev-mar 2020	abr-mai-jun 2020
Taxa de desocupação	9,6%	11,5%	12,9%
Pessoas de 14 anos ou mais de idade	17.569	17.690	17.715
Força de trabalho	11.269	11.145	10.342
Ocupada	10.193	9.862	9.004
Desocupada	1.077	1.283	1.338
Fora da força de trabalho	6.300	6.545	7.372
Rendimento real habitual	R\$ 2.022	R\$ 2.068	R\$ 2.163

Fonte: PNAD Contínua.

Apesar da redução na massa de rendimentos, houve crescimento do rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas. Também foi verificado um crescimento de 4,6% frente ao trimestre imediatamente anterior e de 7% na comparação com o segundo trimestre de 2019, registrando média estimada de R\$2.163,00. O aumento da renda média do

trabalho, que pode parecer positivo em meio ao crescimento do desemprego no estado, é reflexo, na verdade, do fato de a maior parte das vagas fechadas até então serem as de remuneração mais baixa. Este resultado também é observado no nível nacional, tendo a renda média aumentado de R\$ 2.398,00 para R\$ 2.500,00 entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020.

PIB TRIMESTRAL DE MINAS GERAIS

Pandemia derruba PIB mineiro no segundo trimestre

O desempenho econômico do estado foi fortemente afetado pela pandemia e o distanciamento social, é o que aponta o relatório “PIB trimestral de Minas Gerais - 2º trimestre de 2020”, divulgado pela Fundação João Pinheiro (FJP). O Produto Interno Bruto estadual (PIB) apresentou variação negativa de -9,8% no segundo trimestre deste ano (abr-mai-jun) na comparação com o trimestre anterior (jan-fev-mar), sendo esta a maior contração da série histórica, que teve início em 2002. Na comparação com o mesmo período do ano passado (abr-mai-jun), a queda do PIB mineiro foi de -11,2%. A taxa acumulada no ano, considerando o primeiro semestre de 2020, apresentou variação negativa de 6,6% na comparação com o primeiro semestre de 2019.

Os resultados do PIB de Minas Gerais são similares aos da economia brasileira, com base nos resultados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No segundo trimestre do ano, houve recuo de 9,7% na comparação com o trimestre anterior e diminuição de 11,4% em relação ao segundo trimestre de 2019. Considerando o primeiro semestre de 2020, o PIB brasileiro recuou 5,9% em relação aos primeiros seis meses de 2019.

Taxas de variação no trimestre (em relação ao trimestre imediatamente anterior) na série com ajuste sazonal – Minas Gerais e Brasil – 1º trim. 2018 - 2º trim. 2020 – (%)

Agregados Macroeconômicos	2018				2019				2020	
	I	II	III	IV	I	II	III	IV	I	II
	Minas Gerais									
PIB (preços de mercado)	0,3	0,2	0,7	-0,9	0,2	0,2	-1,0	0,8	-1,4	-9,8
VA (preços básicos)	0,3	0,3	0,6	-0,6	-0,1	0,0	-0,8	0,6	-1,4	-9,4
Agropecuária	4,4	7,2	4,9	-4,8	-1,9	7,7	-14,0	10,5	7,4	-1,6
Indústria	-1,2	1,1	-0,3	-0,2	-1,5	-0,7	0,2	-2,3	-2,6	-7,3
Serviços	0,0	-0,3	0,5	-0,3	0,4	-0,1	0,2	0,7	-2,9	-10,2
	Brasil									
PIB (preços de mercado)	0,6	-0,2	0,8	-0,4	0,6	0,5	0,1	0,5	-2,5	-9,7
VA (preços básicos)	0,4	0,2	0,6	-0,3	0,6	0,1	0,3	0,6	-2,4	-9,3
Agropecuária	3,5	0,5	1,0	0,5	-1,0	1,1	1,1	-0,7	0,5	0,4
Indústria	-0,8	0,1	0,4	-0,9	0,1	0,7	0,5	0,1	-0,8	-12,3
Serviços	0,4	0,1	0,5	-0,2	0,9	0,0	0,1	0,6	-2,2	-9,7

Fonte: [Fundação João Pinheiro \(FJP\)](#).

O setor mais impactado negativamente pela crise do coronavírus no estado foi o de Serviços, que apresentou queda de -10,2% na comparação com o primeiro trimestre, seguido dos setores da Indústria (-7,30) e da Agropecuária (-1,6%). Nos serviços, houve queda em todas as atividades, sendo as maiores observadas no Comércio (11,8%), com destaque negativo para queda nas vendas de veículos, motocicletas e peças; combustíveis e lubrificantes; livros, jornais, revistas e papelaria; tecidos, vestuário e calçados e outros artigos de uso pessoal e doméstico.

A indústria teve queda em todos os subsetores (Extração Mineral; Transformação; Energia e Saneamento; Construção Civil). A queda do setor foi de 15,2% em relação ao primeiro trimestre do ano. Segundo o relatório da FJP, este resultado negativo observado decorreu, principalmente, da paralisação de atividades na cadeia metalomecânica, o que prejudicou a fabricação de produtos de metal, máquinas e veículos. Outro fator que explica a queda no PIB da indústria foi a diminuição da fabricação de bebidas, de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, de produtos têxteis no segundo trimestre do ano.

O PIB da construção recuou 5,4% no segundo trimestre deste ano, o que, de acordo com o relatório, é resultado da diminuição da população ocupada no setor em Minas Gerais, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua), e retração no estoque de empregos formais, captada pelo Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged).

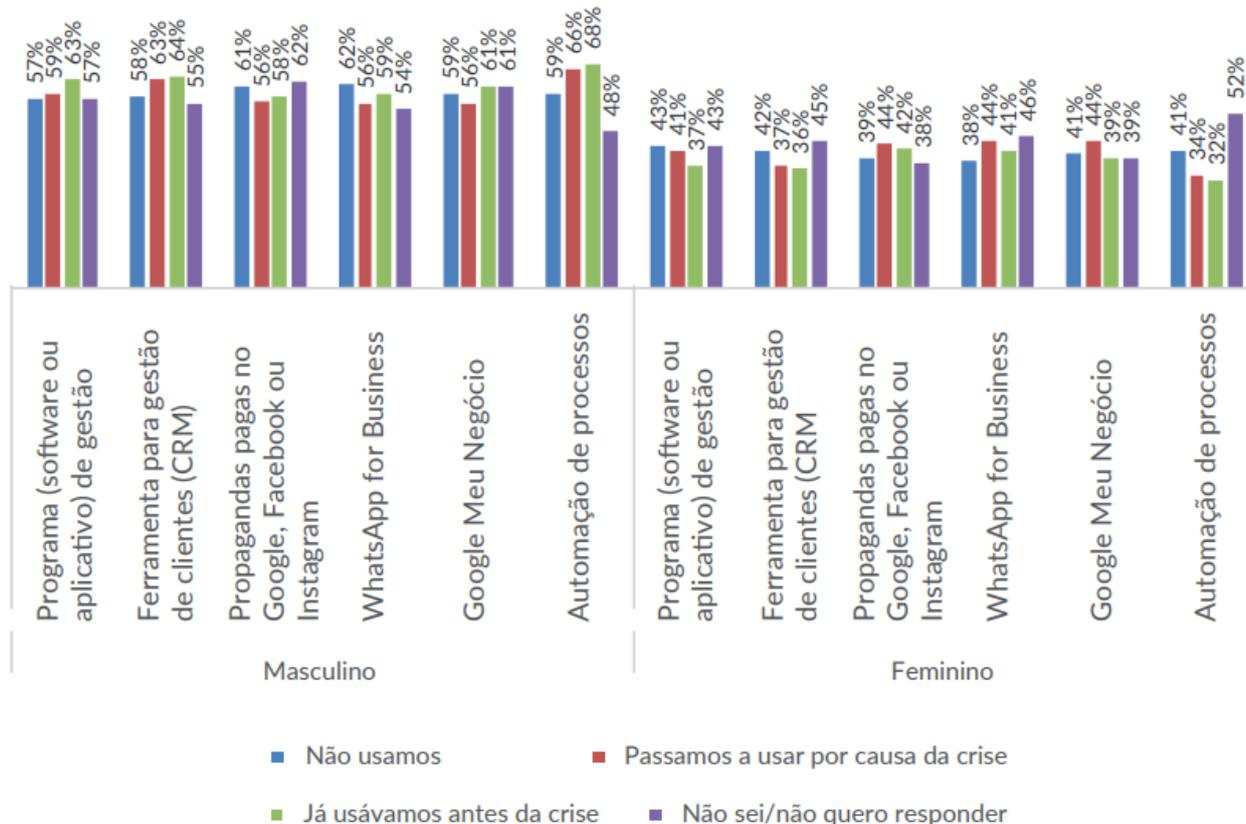
SITUAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

Uso da internet para vendas é maior entre empreendedoras

Resultados da 6ª edição da “Pesquisa Impacto da Pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios”, divulgados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), evidenciam a desigualdade entre empreendedores do sexo masculino e feminino quanto ao uso de ferramentas digitais. Apesar de empreendedoras usarem, proporcionalmente, mais aplicativos e internet para comercializar seus produtos e serviços que empreendedores masculinos, elas ainda usam menos ferramentas digitais de gestão e sofreram perdas maiores com a pandemia. A pesquisa foi realizada na última semana de julho e ouviu mais de 6,500 donos e donas de pequenos negócios em todos os estados do país e o Distrito Federal.

Com a chegada da pandemia, o comércio pela internet se tornou a única alternativa de muitos pequenos empresários para manter seu negócio ainda funcionando, mesmo que de forma parcial. Entretanto, para muitos empreendedores, vender pela internet já era uma prática adotada bem antes da pandemia. A pesquisa mostrou que as empresárias usam, proporcionalmente, mais ferramentas digitais para vender seus produtos e serviços que os empresários. Enquanto 70% das empresárias já vendiam ou passaram a vender online com a chegada da pandemia, entre os empresários este subgrupo equivalia a 63%.

Uso de ferramentas digitais mais complexas entre empreendedores por gênero



Fonte: [Data Sebrae](#)

A pesquisa revelou também que, apesar de o uso da internet para venda ser mais comum entre empreendedoras, elas ainda ficam para trás quanto ao uso de ferramentas digitais mais complexas para a gestão do negócio, tais como *Whatsapp for Business*, *Google Meu negócio*, automação de processos, entre outras ferramentas. Outro achado a ser destacado diz respeito aos impactos no faturamento mensal dos negócios. Embora a grande maioria dos empresários (81%), de ambos os sexos, tenha declarado queda no faturamento em relação ao um mês normal (antes da pandemia), as empresárias parecem ter sentido mais os reflexos negativos. Enquanto, para elas, as perdas no faturamento foram de 59%, em média, para eles, as perdas foram de 57%.

MERCADO DE MÓVEIS

Pandemia de COVID-19 aquece venda de móveis no Brasil

De acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em junho, em meio à pandemia, o mercado de móveis e eletrodomésticos no país cresceu 30%, alta essa propiciada pelas vendas on-line, o chamado e-commerce. Apenas nessa modalidade de vendas por meio digital, seja por sites ou redes sociais, foi registrado um crescimento acima de 50% durante o período mais rígido do isolamento social, o que evidencia que o relacionamento virtual com o cliente é uma das mais relevantes adaptações impostas pelo novo contexto.

No caso das lojas de móveis, a suspensão do atendimento presencial fez com que empresários se adaptassem, otimizando o uso das plataformas digitais. O resultado foi aumento de vendas, com reflexos em toda a cadeia produtiva, elevando também a prestação de serviços de marcenaria e o consumo de matéria-prima.

"Em casa, o consumidor fez mais compras virtuais e buscou outros serviços digitais para atender suas necessidades básicas e manter uma rotina mais confortável em seu lar - móveis, cadeiras, utensílios domésticos. Ou seja: teve que se adaptar aos novos hábitos", analisa Ana Paula Bastos, economista da Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL/ BH). Ela destaca que os comerciantes de móveis e utensílios domésticos conseguiram manter o ritmo do negócio por meio do comércio virtual, que também foi assimilado pelos consumidores. O sucesso dos negócios on-line foi tamanho que o segmento registrou naquele mês aumento de vendas na capital maior que o de supermercados, que nunca pararam de funcionar, por serem classificados como essenciais, destaca a economista, com base no último indicador de Vendas do Varejo de Belo Horizonte, levantado pela CDL/BH. De acordo com Ana Paula, as vendas do comércio de eletrodomésticos cresceram 3,69% em junho na comparação com o mês anterior, à frente dos supermercados (2,97%) e de artigos diversos - material esportivo, brinquedos e eletrônicos (2,88%).

Durante a pandemia, o aquecimento do fluxo de vendas também foi percebido no ramo de marcenaria, onde a procura é tanta que clientes chegam a enfrentar atraso na entrega dos serviços e faltam matérias-primas. "Nossa demanda aumentou cerca de 40%", afirma Andrey Souto, dono de uma marcenaria em Montes Claros, no Norte de Minas. "Em casa, as pessoas perceberam melhor a necessidade de um novo guarda-roupa, armário e outros móveis", confirma a empresária. "A procura está tão grande que, às vezes, temos que dispensar serviço se o cliente está com muita pressa", afirma.

Entretanto, ao mesmo tempo que elevou a demanda, a pandemia dificultou acesso a materiais como, por exemplo, o MDF (usado na fabricação de móveis e armários), que é importado da China e cuja logística que foi dificultada pela pandemia, o que implicou em um aumento de cerca de 50% sobre o insumo.

ALIMENTAÇÃO FORA DO LAR

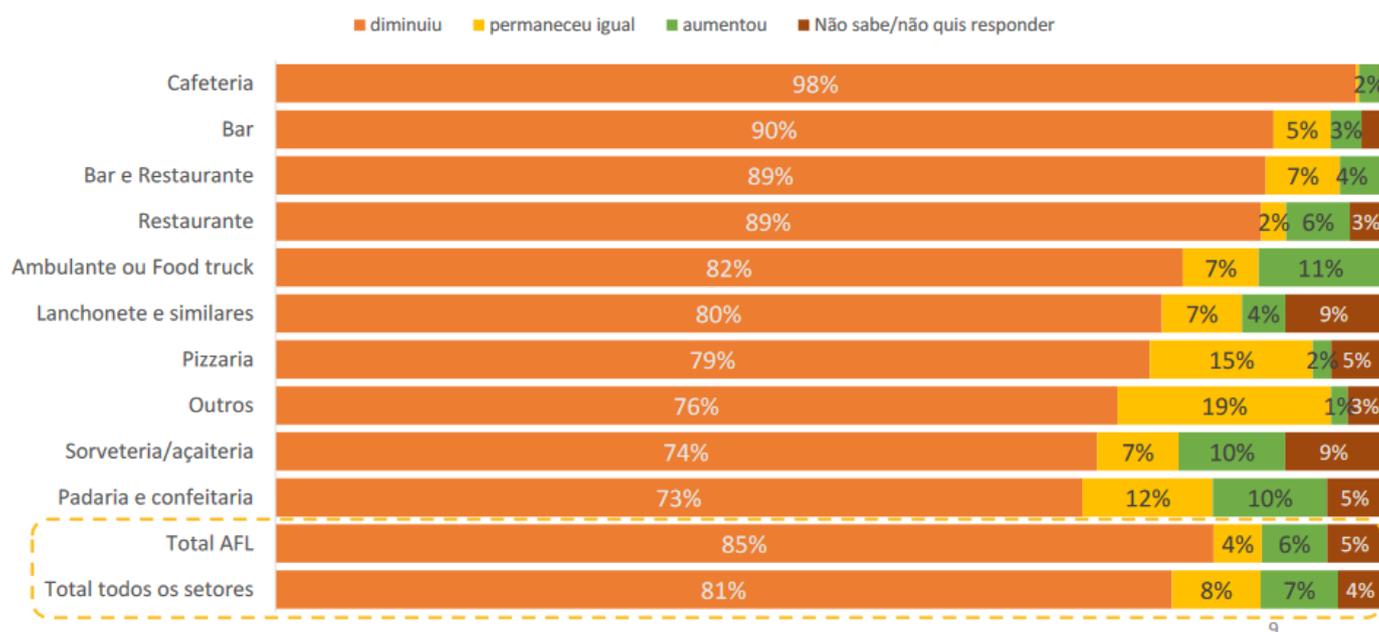
Setor de alimentação registra queda no faturamento

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em parceria com a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), realizou, entre os dias 27/julho a 06/agosto, uma pesquisa por meio de formulário eletrônico com 1.191 pequenos negócios do ramo de alimentação fora do lar, alocados nas 26 unidades da federação e no Distrito Federal. Os resultados da pesquisa evidenciam que o segmento é composto, majoritariamente, por microempreendedores individuais (MEI), no entanto, a média geral de 70% é ainda maior em setores como bares (85%) e lanchonetes (80%). Especialmente no caso dos bares, esse alto índice de MEIs chama a atenção para a dificuldade dos empreendimentos manterem a estabilidade

de seus negócios diante das medidas de isolamento social que impuseram uma suspensão de funcionamento mais rígida para esse grupo. Contudo, no que tange à circulação de pessoas, uma perspectiva otimista que se acena para esses empreendimentos de alimentação fora do lar consiste na retomada das atividades econômicas, registrada por 49% dos respondentes da pesquisa em relação a seus respectivos municípios. Esse processo de reabertura dos estabelecimentos surge como uma oportunidade para dinamizar a lucratividade desses negócios, haja vista que 85% dos entrevistados relataram queda no faturamento desde o início da pandemia, sendo as cafeterias (98%) e bares (90%) os grupos que mais sofreram nesse quesito.

No que tange ao funcionamento, a pesquisa estima que $\frac{3}{4}$ dos empreendimentos de alimentação fora do lar estão funcionando normalmente mediante cumprimento das medidas sanitárias. Dentre os menos afetados pela pandemia estão as padarias, que, por comporem o grupo de serviços essenciais, não tiveram suas atividades suspensas em nenhum momento desde a chegada da pandemia. Na contramão dessa situação, bares, restaurantes e pizzarias, por passarem consecutivos meses de portas fechadas e, conseqüentemente, sem faturamento, foram os setores que mais declararam encerramento definitivo das atividades. De modo geral, 67% dos respondentes da pesquisa disseram que precisaram se adaptar ao novo contexto e fazer mudanças para continuar operando, sendo a aposta no serviço de delivery uma alternativa que implicou em aumento da lucratividade para 50% dos entrevistados. Outras estratégias adotadas consistem na priorização de venda direta para o cliente final (20%) e renovação da linha de produtos e serviços (11%).

O que aconteceu com o faturamento mensal em comparação a um mês normal?



Fonte: 2ª Pesquisa Sebrae e Abrasel - Situação e Perspectivas do Segmento de Alimentação Fora do Lar - 27/7 a 6/8/2020

Para acessar a versão integral do relatório, [clique aqui](#)